

Autora : Maria Litz

Luz negra

Preta pulou na minha cama, inquieta, pedindo com ligeiros miados alguma coisa. Sua barriga quente tinha contrações regulares. Chamei minha filha (Tereza, Preta vai ter gatinho. Vem me ajudar.) e instantaneamente lembrei-me de minha avó (Maria, Fulana vai ter menino. Vem me ajudar.). Havia uma cortina tristemente bege, rala, feita de saco de aniagem, entre a sala e o quarto de Fulana. Estou muito pequena, sentada em frente da porta, num caixote de fruta emborcado. Por detrás da cortina vejo Fulana deitada num catre e minha avó, nem magra nem gorda, grande e alta, o cabelo preso em coque na nuca e as mãos afastando as pernas de Fulana. Os olhos atentos, a voz firme (Precisa fazer força. Pode gritar, pode gemer... Força como se fosse evacuar. Vamos, tá vindo... FORÇA! Agora vai, tá saindo... A cabecinha. AGORA! O cabelo é preto... daqui a pouco vai sair o ombro. Faz força, pode gemer mas faz força, não pára de fazer força... Pretinho o cabelinho...). Fiz um ninho com uma toalha velha, rala e macia. Ela andava em volta de si mesma. Arfava de tempos em tempos e me olhava perguntando o que estava acontecendo. (Deita não, Preta. É preciso fazer força. Fica assim agachadinha que sai mais fácil, daqui a pouco acaba. Força! Faz de conta que vai fazer cocô. Força, Preta. Saiu uma água. É a bolsa.) Minha avó aos pés da cama, seu vulto enorme impedindo que eu visse a cabecinha. Aquele era um momento de muita gravidade. Lá fora o sol estava parado no céu, as galinhas paradas na sombra, o ar parado na sala em que eu, sozinha, tentava ver através do saco de aniagem o espanto da vida. Por quanto tempo ficamos todos assim, imóveis? Esperávamos o milagre. O silêncio, o sagrado, a maravilha. Lembro que antes do grito uma brisa moveu o saco de aniagem, a porta de pano abriu e o sopro da vida passou. Meu vestido era azul claro e sua barra também se moveu sobre o joelho. Minha avó dizia alguma coisa que eu não entendia. Mas depois do grito, entendi (Deus seja louvado!). Vinha vindo um balãozinho cheio de águas claras. Tereza lavou as mãos, lavou uma tesourinha na pia do banheiro e cortou a ponta da bolsa. (Calma, tá vindo. A cabecinha preta... Tá saindo. Mais um tiquinho de força. Já vem!). Um pequenino corpo envolvido em transparências foi saindo devagar e caiu na toalha, arrastando o umbigo e algum sangue. Através da bolsa, podia-se ver o movimento das patinhas. Preta lambeu repetidas vezes o invólucro até que se rompesse, depois lambeu a cria que estirava as perninhas e tentava se arrastar na direção do corpo materno: o calor túrgido do seio, o leite alvo e farto por entre pêlos negros. Ela comeu o cordão e as vitaminas da placenta. Lambeu, lambeu, limpou. Depois agachou de novo e deu à luz outro gatinho. E assim, por mais três vezes. Cinco vidinhas frágeis, os olhos ainda cegos. Quatro horas da manhã. Um galo cantou: Cristo nasceu! Uma vaca: Aonde? Uma cabrita: Belém! Belém! No lusco-fusco da madrugada, um complô de fêmeas protegendo o ninho. Na sala, uma menina puxa o vestido azul sobre os joelhos para receber no colo o recém-nascido.